



*Laços
escondidos da
mangualdense
Naria Radatos*

Pensar e Ser



João oliveira



**José
d'Encarnação**

Professor / Doutor

SANFONINAS

AS SURPRESAS APARECEM

Confesso que me passara por completo despercebido o artigo de Jacinta Bugalhão publicado na revista Al-madan, do Centro de Arqueologia de Almada (nº 14, Dezembro de 2006, p. 157-159), sobre o sítio romano de Vale do Mouro (Gravato, Meda).

Aí se dá conta de um sítio – mui possivelmente uma villa romana – que, identificado em 2001, foi alvo de diversas campanhas de escavação nos anos subsequentes, destinadas a dar a conhecer melhor o que ali estava enterrado.

Logo nos textos chamados a subtítulo se escreve o seguinte: «A descoberta recente de um magnífico pavimento em mosaico policromo (...) obriga a reequacionar o conhecimento da ocupação romana desta região interior, bem como as suas relações com outros territórios romanizados no litoral e Sul da Península Ibérica».



Acrescenta-se:

«Atesta também uma grande pujança económica e a integração nos modelos de gosto e consumo latinos e nos circuitos económicos, sociais e culturais de grande escala». O que particularmente me chamou a atenção foi a reprodução de parte desse mosaico em que se mostra (cito) Baco a usar uma coroa de folhas de hera e de cachos de uva e a segurar, numa mão, um tirso (que é a sua insígnia) e, na outra, um cântaro, com que derrama o vinho, que simboliza a dispersão da fertilidade pela terra. Foi Virgílio Hipólito Correia quem identificou a representação como sendo «parte do cortejo do deus Baco à volta do mundo, ladeado, de um lado, por uma pantera e, do outro, por uma bacante (sacerdotisa de Baco), que segura uma tocha».

Assinala-se, a concluir, que este achado detém «relevância europeia» – e não é difícil estarmos inteiramente de acordo. Encantados, amiúde, com mosaicos romanos do Sul do território português, olvidamos encantos que também este Nordeste beirão pode mostrar-nos. Verificar que um tema mitológico incomum pode ornar assim a casa de um senhor romano nos séculos III ou IV da nossa era constitui, na verdade, prova cabal de que a cultura, nessa época, não conheceu limites territoriais.

A mostrar-nos que também agora, neste (ainda) limiar do século XXI, não os deve conhecer.